

# O Cristianismo Visto por um Agnóstico\*

**Em síntese:** O Prof. Léo Moulin, belga de 82 anos de idade, diz-se agnóstico ou ateu. Pesquisou, porém, longamente a história do Cristianismo, especialmente a Idade Média, e aponta grandes valores dessa história, valores que abonam a vitalidade fecunda da mensagem cristã. Conclui exortando os católicos a que estudem a história do Cristianismo também eles, para poder responder às objeções que hoje em dia, precipitada ou preconcebidamente, se levantam contra tópicos desses dois mil anos de atuação no mundo.

O Prof. Léo Moulin, belga de 82 anos de idade, foi durante cinqüenta anos docente da Universidade Maçônica de Bruxelas, Universidade fundada para fazer frente à Católica de Lovaina. Filho de família agnóstica, anticlerical, voltada para o Socialismo, o Prof. Moulin até hoje não professa a fé cristã, mas é um apologista do Cristianismo, que ele muito tem estudado. Frequentou a Maçonaria, mas acabou deixando-a. Diz atualmente ser um agnóstico rigoroso, se não um ateu radical.

O jornalista Vittorio Messori, já conhecido no Brasil, foi entrevistar o Prof. Léo Moulin, que lhe declarou textualmente:

*“Muitas e muitas vezes, desde criança, incutiram-me a ideia de que crer é um ato de covardia ou um renunciar à própria dignidade. Em consequência, com os meus mais de 80 anos, sinto-me ainda bloqueado a tal respeito. Sofro disto não tanto por causa de mim, mas por causa dos meus muitos amigos cristãos, os mais caros que tenho e que me cercam de atenções, de admiração e de convites; não os quisera ofender, morrendo como agnóstico e recusando, por dever de consciência, os sacramentos. Mas que posso fazer?”*

Não obstante, o jornalista foi propondo ao Prof. Moulin perguntas diversas relativas à religião, às quais o entrevistado deu respostas que merecem ser conhecidas pelo público brasileiro. Põem em relevo aspectos do Cristianismo muito positivos; o depoimento, partindo de um não cristão ou de um ateu, torna-se duplamente valioso — razão pela qual vai aqui reproduzido em tradução portuguesa.

## 1. Valores humanos

Léo Moulin refere a Messori que, desde muito, descobriu coisas importantes:

*“Primeiramente: aqueles valores apresentados como produtos da livre pesquisa humana, na verdade, provêm da Tradição cristã e são incompreensíveis sem esta. Em segundo lugar: arrancados da sua base religiosa, esses mesmos valores pairam no vazio, de modo tal que se torna difícil dar-lhes solidez. Para o cristão, eles fazem parte de um sistema coerente; para o não crente, são apenas postulados, nobres certamente, mas não explicáveis racionalmente”.*

Não basta dizer isto. Como frequentemente mostrou Moulin nos seus livros, baseando-se nas lições da história dos dois últimos séculos, os valores que os leigos escrevem ou escreviam com letras maiúsculas, degeneram, se separados do Cristianismo, que os criou e os torna acreditáveis.

*“Separadas do nome de Deus, todas as outras maiúsculas são mortíferas: nada derrama mais sangue do que as religiões irreligiosas modernas. A Liberdade, primeiramente, transformou-se em anarquia; depois tornou-se o seu contrário, isto é, tirania. A Igualdade levou à pior iniquidade, o igualitarismo. A Razão se fechou em fórmulas estéreis e nos becos cegos do racionalismo, que impede de compreender a complexidade do real. O culto dos Direitos do indivíduo levou-nos ao individualismo, ao egoísmo, ao hedonismo”.*

## 2. A Idade Média

Léo Moulin tem grande estima pela Idade Média.

*“O século XIII, vértice da sociedade medieval, é um dos pontos mais altos e luminosos da história do Ocidente ou mesmo da humanidade. Em poucas décadas, tivemos Giotto, Dante, Tomás de Aquino, mil catedrais...”*

Moulin ri-se do mito dos “séculos obscuros”:

*“Eis um breve e incompleto elenco das invenções tecnológicas (obras, quase todas, de monges beneditinos) do homem medieval, que, como diz a lenda, vivia na ignorância e na penitência, apenas à espera do fim do mundo: o moinho de água, a serra hidráulica, a pólvora preta, o relógio mecânico, o*

---

\* Agnóstico é aquele que professa que não pode conhecer Deus e as realidades espirituais. É, portanto, contrário à Metafísica e à Teologia.

arado, a relha, o timão a roda, o jugo para o cavalo, o canal com reclusas e portas, a canga múltipla para os bois, a máquina para enovelar a seda, o guindaste, a dobadeira, o tear, o cabrestante complexo, a bússola magnética, os óculos. Acrescentemos a imprensa, o ferro fundido, a técnica de refinação, a utilização do carvão fóssil, a química dos ácidos e das bases, etc. Esse impulso ao conhecimento científico e tecnológico continuou nos séculos seguintes: no início do século XVII, a Europa contava 108 Universidades, enquanto no resto do mundo não havia uma só... Isto põe um problema para o historiador. Por que é que o desenvolvimento ocorreu somente em área cristã, e não fora desta? Por que, hoje ainda, entre os dez países mais evoluídos e ricos do mundo, nove são de tradição cristã? Não há outra explicação senão a que já expus em livros dedicados à questão: há na mensagem cristã alguma coisa que leva os germens do desenvolvimento e do progresso. A antropologia da Bíblia exalta o homem e o põe no centro do universo. Além disto, pregando igualdade, ela cria uma sociedade livre, sem barreiras sacrais ou de castas; não há, pois, como se surpreender se, alimentado por tal mensagem, o homem europeu conquistou o mundo. Por que as suas naveas lhe permitiam dominar os mares? Por que ele, e ele só, sentiu a necessidade de expandir-se sobre a terra inteira, enquanto a África, a Ásia, a América pré-colombiana permaneciam imóveis nos seus confins? Sem esta nossa maravilhosa Europa, o mundo, como o conhecemos, não existiria. Mas não existiria nem mesmo esta Europa recoberta de glórias sem as suas raízes cristãs e sem os seus monges.”

Continua Léo Moulin, referindo-se aos monges em especial:

“As famílias beneditinas procuravam, antes do mais, a glória de Deus. E eis que, mesmo sem o procurar, construíram o mecanismo do desenvolvimento econômico e cultural. Havia necessidade de vinho para a Missa; ora o continente se recobriu de vinhedos até a Escócia e a Polônia. Havia necessidade de cera para as velas; eis, em resposta, o desenvolvimento da apicultura. Para atender à dieta vegetariana, havia necessidade de verdura, queijo, peixe; eis, em resposta, as hortas, os rebanhos, os aquários. Era preciso tratar dos doentes; eis então o cultivo das plantas medicinais e os laboratórios de fármacos vegetais. Havia necessidade de livros; eis os scriptoria, oficinas de cultura. Mas a construção dos mosteiros e igrejas requer também pedreiros, carpinteiros, pintores, escultores; aí está um intenso movimento, que parte da esfera espiritual e que se alarga, qual mancha de óleo, pondo em ação a economia da sociedade inteira. São realidades estas bem diferentes da ‘inutilidade social dos monges’, mencionada pelos decretos de supressão dos mosteiros. Data dos séculos XVIII e XIX! Muitos reis e muitos políticos que expulsavam os Religiosos das suas casas, esqueciam que a prosperidade dos seus países fora construída precisamente por aqueles ‘ociosos’”.

Moulin volta-se ainda para outro mito, que atribui à Igreja Católica opressão política e autoritarismo apenas:

“Dá-se precisamente o contrário! Se a democracia parece caracterizar somente o Ocidente, a causa disto está de novo no Cristianismo ou, mais precisamente, no monaquismo. Os próprios termos do regime democrático (Parlamento, escrutínio, voto de Minerva...) provêm da Regra beneditina. A democracia, como a conhecemos, não nos vem dos gregos e, muito menos, dos romanos, mas dos Religiosos, que elaboraram um sistema, ainda hoje não superado, de representação no interior da comunidade. O exemplo dos mosteiros tornou-se escola para todos, e deu a cada um o senso da dignidade, que frutificou nas democracias modernas”.

### **3. São Bento de Núrsia**

O Prof. Léo Moulin, apologista das instituições e da obra cultural da Igreja, tem em mira um nome que, desde a juventude, lhe fala muito vivamente: o de São Bento de Núrsia (480-547). Tornou-se um dos grandes estudiosos da Regra de São Bento:

“Há décadas que venho estudando aqueles poucos milheiros de palavras, e não cesso de me maravilhar, como sociólogo e como politólogo que sou, além de historiador. Por isto, creio muito acertada a decisão de Paulo VI, em 1964, de proclamar São Bento patrono principal da Europa. A sua Regra, como o movimento que ela desencadeou, está realmente na base de quanto o Ocidente produziu de melhor”.

E qual seria o traço mais impressionante da Regra, segundo Léo Moulin?

“O gênio de São Bento consiste em ter encontrado o equilíbrio entre as duas tendências fundamentais: a direita e a esquerda. A direita, em teologia, não crê nas capacidades da natureza humana, deteriorada radicalmente pelo pecado. A esquerda, ao contrário, tem excessiva confiança no homem e nas potencialidades para praticar o bem.

São Bento não era um ingênuo; conhecia bem os homens e não tinha ilusões a respeito deles. Maquiavel também era assim; mas Maquiavel escreveu: ‘Os homens são maus, mentirosos, cobiçosos do seu prazer e dos seus interesses pessoais, preguiçosos, bajuladores..’ e daí tirava consequências céticas.

Ora, Bento pode estar de acordo com este conceito de ser humano, pois gozava da sabedoria que a experiência lhe inculcava. Todavia, o que chama a atenção é que, embora reconheça a verdade a respeito do próximo, São Bento o ama profundamente e quer ajudá-lo a conseguir — cada qual a seu modo — a salvação ou mesmo a santidade. Bento, portanto, era um homem de centro, profundamente realista e, ao mesmo tempo, aberto à maravilhosa utopia do Evangelho. Para governar os homens na Igreja, é preciso levar em conta equilibrada os dois elementos: o carisma e a instituição, o amor e a lei. Bento, herdeiro do gênio jurista romano iluminado pela fé cristã, conseguiu fazer esta síntese na sua Regra. Esta fascina até os estudiosos leigos das instituições e manifesta concretamente a sua capacidade de funcionar e servir através dos tempos e do espaço.

O Santo de Núrsia sabe que não se pode exigir tudo de todos; por isto é discreto, levando em consideração os menos motivados e prendados. A sua discricção pode tornar-se ternura para com os doentes, os jovens, os velhos. Ele crê firmemente na igualdade fundamental de todos os seres humanos diante de Deus, mas não cai no funesto igualitarismo dos 'reformadores' sanguinolentos e nas suas consequências. Bento sabe que os homens são iguais, porque compartilham a mesma dignidade, mas também são profundamente diferentes uns dos outros pelo seu caráter, por suas aptidões, por seus dotes intelectuais, físicos e morais. A todos ele propõe a meta ideal e elevada, mas pondera sempre as diferenças e a debilidade, que em alguns é mais acentuada, e em outros menos”.

#### **4. Jesus Cristo**

Moulin falou do Cristianismo com grande entusiasmo. Mas Cristo... Quem é Jesus Cristo para ele? Responde:

*“É verdade que não consegui, ao menos até agora, ver nele o Filho de Deus. Mas, como historiador, há meio século ou mais que me formulo perguntas sobre os resultados extraordinariamente benéficos daquela vida e daquele ensinamento. Não tendo fé, vejo-me obrigado a me reconhecer naquela que é talvez a mais nobre das escolas de Moral humana: a estoíca. Mas o estoicismo é duro, professa o amor do Destino, mas não sei até que ponto professa o amor ao homem. Principalmente, não conhece o perdão. De resto, nenhuma cultura e nenhuma religião, tanto anterior como posterior a Cristo, reconhece o perdão no sentido ilimitado que o Evangelho propõe. Hoje, o homem de esquerda não pode perdoar porque não tem o senso de fraqueza dos semelhantes. Os da direita, diante da queda dos semelhantes, desprezam-nos, encontrando aí uma confirmação do seu pessimismo referente à natureza humana. Sabemos como os discípulos de Jesus se comportam na hora da provação: como covardes, se não como traidores. Mas, segundo os Evangelhos, Jesus ressuscitou e se apresentou a eles, saudando-os: ‘Paz a vós!’ Isto é sublime; nem se chama perdão, é algo muito maior, é esquecer tudo e recomeçar de novo.*

*Também a este título (deixai que um velho agnóstico o diga) há no Cristianismo uma das heranças mais preciosas do homem. é necessário que todos, mesmo nós, que não temos fé, o defendamos, se queremos realmente defender o homem”.*

**“Reagi vós, católicos, contra aquele injusto masoquismo que se apoderou de vós após o Concílio do Vaticano II. A propaganda mentirosa que se iniciou no século XVIII, ou talvez antes, conseguiu a sua maior vitória, inculcando-vos uma consciência pesada; persuadiu-vos de que sois culpados de todas as desgraças do mundo e herdeiros de uma história que é preciso esquecer. Ora, na verdade não é assim. Estudai a vossa história, e vereis que o ativo destes dois mil anos supera de longe o passivo. E não vos esqueçais de comparar os frutos de Jesus e dos seus discípulos como Bento, Francisco, Domingos... com os frutos de outras árvores. O confronto vos abrirá de novo os olhos”.**

Estas declarações e ponderações de Léo Moulin, agnóstico como é, tocam pontos muito reais e significativos: após o Concílio do Vaticano II, muitos fiéis católicos se detêm principalmente em críticas ao passado, esquecendo os valores positivos da Tradição cristã, muito superiores aos traços negativos. Os ateus tudo fazem para desfigurar o passado do Cristianismo, a ponto de transmitir aos próprios católicos o seu azedume unilateral. Prevaleça o parecer objetivo, despreconceituoso, do Prof. Moulin, que fala com autoridade e conhecimento de causa!

De resto, as fraquezas existentes nos homens da Igreja só podem corroborar a convicção de que é o próprio Deus quem sustenta a sua Igreja e, através das criaturas, realiza a sua obra de salvação.

*O texto de Léo Moulin foi extraído da revista JESUS, setembro 1987, pp. 68-71: "Questo meraviglioso Cristianesimo in cui non riesco a credere", por Vittorio Messori e publicado em português na revista "Pergunte e Responderemos" 310/1988.*